

O PRIMEIRO DE JANEIRO

(REDACÇÃO)

PÓRTO

25 de Novembro de 1945

Meu caro Pinto Quartim:

Li a "nota oficiosa" em que o Secretariado da Propaganda te mandou insultar nas colunas duma folha, falsa em tudo, até no título, que deveria ser "A derrota", pois como órgão fascista só lhe cabe celebrar a derrocada do seu sistema.

Venho felicitar-te pelos insultos. Partindo donde partem são uma honra. E não só para ti. Para todos nós os que temos do jornalismo noção diferente da dos lacaios do Secretariado da Propaganda. Reivindico a minha parte nessa honra--e nos insultos.

Fui teu discípulo, quando chefiaste a redacção do "Século", diário que sob a tua chefia foi modelar na concisão do noticiário e no arranjo gráfico. Trabalhei sob a tua direcção no suplemento semanal de "A Batalha", o porta-voz do proletariado português. Tenho orgulho nisso.

Devo-te muito da minha formação ideológica e técnica profissional. Juntos lutámos pelo prestígio da nossa classe. Lemos-lhe o que ela, até então, nunca tivera em Portugal. Se então algumas vezes divergimos, nunca foi por motivos de ideologia ou por oposição sobre o que convinha à dignidade e aos interesses dos jornalistas.

Se precisas da minha solidariedade, do meu testemunho, do ^{meu} nome, destas palavras --usa ^{palavras} deles. Mesmo que não fôsse teu amigo, ~~te~~ escreveria. Não há nestas ^{palavras} mínimo sentimentalismo. São pensadas. Frias como a lâmina duma espada. Não me movem as paixões.

Estive contigo quando te forçaram a deixar a chefia da redacção do "Século". Estive, também, quando te viste obrigado a deixar a tua família e a tua profissão, para ires ganhar a tua vida, em África, sem teres de prostituir a tua pena. Disse-o "Globo", deplorando que um jornalista da tua tempera tivesse de deixar uma profissão que já não contava muitos valores.

25 de novembro de 1943

Meu caro Chefe:

Se estive contigo nas horas amargas, como não hei de estar agora nesta de consagração e de júbilo, em que te fizeram justiça, insultando-te? Não curo da folha desqualificada nem do desqualificado laçao que reproduziram o ditado insultuoso. Curo sim, de quem ditou, da digestão alterada de que surgiu aquele vômito, da bronquite asmática de que partiu aquele escarro. Curo especialmente do medo que inspirou o coice, por pressentirem que lhes será levantada a manjedoura.

Surge um jornalista a falar--creio que foste o único a falar como tal--e os colaboracionistas apavoram-se. Porque disseste a Verdade, o ocupante toma a Verdade por subversiva. Porque apareceu um jornalista da Resistência, querem afogar a Resistência com insultos e chacotas.

Não afogam nada, ou antes: afogar-se-ão eles nas próprias m fezes, quando chegar a nossa hora. Não estejas preocupado com a falta de profissionais competentes e dignos. Perdemos alguns dos nossos no combate; o Mério Salgueiro, o Eduardo de Sousa, o velho Falcão e outros. Mas ainda somos uns poucos. Não diremos como os jornalistas italianos, depois da noite de pesadelo do fascismo. Ainda não lhe perdemos o jeito. Não perderam os que eram jornalistas antes de 1926--e provaram-no agora. Adquiriram-no, durante esta longa velada de armas de vinte anos, alguns recrutados do jornalismo, que não entraram na profissão pelas portas escusas do Secretariado. Com eles, nós os da velha guarda, ainda faremos o que estes miseráveis nunca souberam fazer--um jornal.

Meu caro Chefe, cá estou. Para o que fôr preciso. Para um jornal ou para uma barricada. Tenho 50 anos e fui soldado. Se mente não é às Musas dada, o braço é às armas feito. Manejo com a mesma rapidez a máquina de escrever ou uma metralhadora. Pela Liberdade e pela Dignidade humana, não tenho dúvidas de me bater. Como as ~~terias~~ ^{terias} quando está em causa a dignidade da nossa profissão?

Um abraço de muita admiração e inteira solidariedade do

camarada amigo
Luís Brasil